

*“Em troca de um salário
que era pouco mais do que nada”:
violência sistêmico-simbólica e precarização do
trabalho em “Passageiro do Fim do Dia”,
de Rubens Figueiredo*

“In exchange of a wage that was little more than nothing”:
systemic-symbolic violence and precarization of work
in *Passageiro do Fim do Dia*, by Rubens Figueiredo

Rafael Lucas Santos da Silva
Universidade Estadual de Maringá
Marisa Corrêa Silva
Universidade Estadual de Maringá

Resumo: O artigo propõe uma hipótese de leitura da narrativa *Passageiro do Fim do Dia*, do escritor Rubens Figueiredo, articulando a taxonomia de manifestações de violência estabelecida pelo filósofo Slavoj Žižek com a compreensão de que o capital financeiro tornou-se fração hegemônica da dinâmica de acumulação capitalista contemporânea, tendo como propósito investigar e explicitar como os procedimentos artísticos da narrativa formalizam esteticamente o processo histórico-social da reestruturação produtiva do capital na dinâmica socioeconômica brasileira contemporânea, no que tange à precarização do trabalho. Desse modo, focaliza-se a personagem Rosane, demonstrando que a violência sistêmico-simbólica presente na narrativa está caracterizada pelas implicações da precarização do trabalho e do fetiche da mercadoria ocasionadas pela atual lógica do capital financeiro.

Palavras-chave: Literatura brasileira contemporânea. Precarização do trabalho. Violência sistêmica. Slavoj Žižek.

Rafael Lucas
Santos da
Silva

Marisa
Corrêa Silva

378

Abstract: The article proposes a hypothesis of reading the narrative *Passageiro do Fim do Dia*, by Rubens Figueiredo, articulating the taxonomy of violence manifestations established by the philosopher Slavoj Žižek with the understanding that financial capital has become the hegemonic fraction of contemporary capitalist accumulation dynamic, aiming to investigate and explain how the artistic procedures of the narrative aesthetically formalize the historical-social process of the productive restructuring of capital in contemporary Brazilian socioeconomic dynamics, with regard to the precarization of work. In this way, the character Rosane is focused, demonstrating that the systemic-symbolic violence present in the narrative is characterized by the implications of precarious work and the fetish of the merchandise caused by the current logic of financial capital.

Keywords: Brazilian contemporary novel. Precarious work. Systemic violence. Slavoj Žižek

“Seriam capazes de retirar até a última gota de energia de Rosane e deixá-la exaurida”: considerações iniciais

Ó que lance extraordinário:
aumentou o meu salário
e o custo de vida, vário,
muito acima do ordinário,
por milagre monetário
deu um salto planetário.
Não entendo o noticiário.
Sou um simples operário,
escravo de ponto e horário,
sou caxias voluntário
de rendimento precário,
nível de vida sumário,
para não dizer primário,
e cerzido vestuário.

Carlos Drummond de Andrade (1983)

Desde os anos 2000, o escritor Rubens Figueiredo vem construindo uma sólida e coerente obra ficcional, alcançando relevância no cenário contemporâneo de produção literária, com ampla divulgação internacional, e conquistando prêmios em importantes concursos literários. Embora tenha es-

treado em 1986, com o romance *O Mistério da Samambaia* Bailarina, Rubens Figueiredo obteve relevância como romancista ao ganhar o prêmio Jabuti por *Barco a seco* (2001), em 2002, e os prêmios São Paulo de Literatura e Português Telecom, ambos em 2011, por *Passageiro do fim do dia* (2010).

A respeito deste alcance de relevância, Ivone Daré Rabello (2007) produziu uma importante leitura que visou demonstrar que o romance *Barco a seco*, de fato, havia sido um divisor de águas na carreira de Rubens Figueiredo, na medida em que a sua temática e composição promoveram o “apagamento de um ‘outro’ Rubens Figueiredo, aquele do início de carreira, mais aderente à produção para um setor especializado, e lucrativo, do mercado cultural: a chamada ‘literatura infanto-juvenil’” (RABELLO, 2007, p. 128). Nessa perspectiva, a autora defende que é possível conceber duas fases do escritor, dado não haver entre o romance *Barco a seco* e o romances anteriores “nenhuma continuidade estilística ou temática” (RABELLO, 2007, p. 129), de modo que ela acredita ser o aspecto fulcral desta transformação “não a experimentação com os gêneros, e sim a *matéria* a formalizar nas obras, bem como os resultados da composição e do estilo” (RABELLO, 2007, p. 129, grifo da autora).

Com a expressão *matéria*, o argumento fixa-se, pois, na compreensão de como o escritor Rubens Figueiredo formaliza esteticamente fatores histórico-sociais. Com efeito, em entrevista o escritor declarou que “[...] no ano 2000 eu publiquei um livro chamado *Barco a seco* [...] tentando elaborar um tipo de questionamento sobre a ordem social, mas havia certa timidez” (FIGUEIREDO, 2011, p. 192).

Acreditamos que, de fato, o romance *Passageiro do Fim do dia* apresenta uma decisiva inflexão no processo autoral de Rubens Figueiredo, apenas timidamente articulado no romance anterior conforme exposto por Rabello (2007), no que corresponde a formalização estética diante de fatores histórico-sociais. Dessa maneira, a nossa abordagem crítica deste romance leva em consideração a lição dialética legada por Candido (2006), segundo a qual a forma literária das narrativas ficcionais está intimamente relacionada com o contexto histórico-social, de modo que, “justamente pelo fato de manter relações com a realidade social, a *literatura incorpora as suas contradições à estrutura do significado das obras*” (CANDIDO, 2006, p. 202, grifo nosso).

Em vista disso, a pergunta básica que se impõe consiste, pois, em saber de qual fator histórico-social específico foi incorporado as contradições pela narrativa de *Passageiro do fim do dia*. Portanto, a rigor,

“Em troca de
um salário
que era pouco
mais do que
nada”

379

Rafael Lucas
Santos da
Silva

Marisa
Corrêa Silva

380

a hipótese de leitura explorada neste artigo é a de que a contradição histórico-social incorporada na forma literária do romance em questão concerne ao aumento da precarização das condições de trabalho e existenciais das classes subalternas, que foi produzido a partir dos anos 1990 e 2000, nos quais as elites e a gestão estatal se submeteram aos imperativos de acumulação financeira, permitindo que a estrutura socioeconômica brasileira fosse integrada à mundialização do capital e ao neoliberalismo (PAULANI, 2008).

Essa concepção materialista da forma literária contribui para verificar como a literatura brasileira contemporânea representa os problemas e as contradições ligadas à classe trabalhadora. A nosso ver, é bastante incisivo como, ao longo da perspectivação dos acontecimentos diegéticos da narrativa, a violência está intimamente relacionada à temática da precarização do trabalho. Aspecto importante de ser demonstrado em detalhes, uma vez que, na exígua fortuna crítica do romance, já foi abalizado que, “o surpreendente é que a única cena de violência e assaltos passa-se no mundo virtual dos games” (RESENDE, 2014, p. 17, grifo nosso).

Ou seja, divergimos dessa leitura aventada por Beatriz Resende (2014) de *uma única cena de violência* na narrativa de *Passageiro do fim do dia*, porque, ao concordarmos com o filósofo Žižek (2014), o argumento de Resende (2014) corresponderia simples e meramente à violência física e direta, a qual é mais visível aos nossos olhos. Essa violência facilmente visível é apenas uma taxionomia das três — sistêmica, simbólica e subjetiva — que são estabelecidas pelo filósofo, que advoga por “desembaraçar-nos do engodo fascinante desta violência ‘subjetiva’ diretamente visível, exercida por um agente claramente identificável” (Žižek, 2014, p. 17).

Por esse ângulo, conseqüentemente, faz-se necessário uma compreensão preliminar da contemporânea reestruturação produtiva do capital na dinâmica socioeconômica brasileira e das taxionomias de violência sistêmica e simbólica, que servirão de base para articularmos uma abordagem crítica de *Passageiro do fim do dia*.

Reestruturação produtiva, precarização do trabalho e violência sistêmico-simbólica

A economista Paulani (2008) pontua que a dinâmica socioeconômica brasileira está, evidentemente, alinhada com o processo atual do capital financeiro global, desde os anos 1980 quando, de forma passiva, foi vítima da chamada “crise da dívida externa”, depois de forma ativa,

quando arrogou-se a resolução, a partir de meados dos anos 1990, de seu ingresso na era da financeirização como “potência financeira emergente”. Conforme a autora, trata-se de um sistema perverso, visto que engordar o capital financeiro implica diminuir o capital produtivo:

[...] dada essa lógica [...] o equilíbrio financeiro [...] está na dependência de um comportamento das variáveis macroeconômicas-chave que é perverso do ponto de vista do crescimento e do emprego, pois joga no sentido da elevação dos juros básicos, da redução da mão-de-obra formalmente empregada e da queda do rendimento médio dos trabalhadores (PAULANI, 2008, p. 98-99).

“Em troca de um salário que era pouco mais do que nada”

No bojo dessa conjectura econômica, o decênio de 1990 foi, então, o início de um período de aumento da exploração de trabalho que fez “a precarização do trabalho afirmar-se no século XXI como precarização estrutural do trabalho” (ALVES, 2013, p. 48). Isto é, particularmente a partir do decênio de 1990, ocorre no Brasil uma reestrutura produtiva do capital que provoca uma nova morfologia do mundo do trabalho, a qual tem sido proficuamente estudada pelo sociólogo Giovanni Alves, cujas reflexões esclarecem que, no atual estágio do capitalismo brasileiro, estão em processo mutações sociotécnicas que alteram o espaço produtivo e o controle social, acarretando a flexibilização dos direitos sociais.

Sendo assim, o processo de precarização do trabalho e a constituição do precário mundo do trabalho são traços da nova reestruturação do capital financeiro global, que atinge tanto países capitalistas centrais, quanto os periféricos como o Brasil. “Desde o século XVI o capitalismo moderno tem ampliado as condições de precariedade social dos homens e mulheres despossuídos da propriedade de produção da vida material”, explica Alves (2013, p. 109).

Compreende-se, aqui, que o desenvolvimento do modo de produção capitalista-industrial ocorre através de intensos processos de reestruturação produtiva, de modo que as dimensões específicas da precarização do trabalho no século XXI precisam ser concebidas como processo social de conteúdo histórico-político que atinge a classe trabalhadora brasileira. Alves (2007) delinea de forma esclarecedora quais são os aspectos desse processo social:

381

Rafael Lucas
Santos da
Silva

A precarização é um atributo modal da precariedade. É uma forma de ser sociohistórica da condição ontológica da força de trabalho como mercadoria. Enquanto existir precariedade haverá possibilidade objetiva de precarização que pode assumir dimensões objetivas e subjetivas. A precarização não apenas desvela uma condição ontológica da força de trabalho como mercadoria, mas explicita novos modos de alienação/estranhamento e fetichismo da mercadoria no mundo social do capital (ALVES, 2007, p. 115).

Marisa
Corrêa Silva

382

Dessa maneira, portanto, parece-nos lícito argumentar que o processo de precarização do trabalho é um ato de violência propalado pelo capital financeiro — integrado ao próprio sistema do modo de produção capitalista, afinal, Marx (1988) já havia exposto no capítulo XXIV de seu *magnum opus* que, na forma primitiva de acumulação, têm-se uma série de métodos violentos em que “a expropriação dos produtores diretos é realizada com o mais implacável vandalismo e sob o impulso das paixões mais sujas, mais infames e mais mesquinamente odiosas” (Marx, 1996, vol II, p. 380). Trata-se, assim, de conceber, na forma atual do capitalismo financeiro, uma violência sutil, ao invés de um tipo explicitamente brutal, por já se tratar de uma *violência sistêmica*, isto porque “não só da violência física direta, mas também das formas mais sutis de coerção que sustentam as relações de dominação e de exploração, incluindo a ameaça de violência” (ŽIŽEK, 2014, p. 24).

Segundo o filósofo esloveno, Marx foi o primeiro grande teórico da violência sistêmica da sociedade capitalista, articulando o capital e o fetiche da mercadoria com o propósito de demonstrar

[...] como a dança teológica enlouquecida das mercadorias emerge dos antagonismos da “vida real”. Ou melhor, a sua posição é de que não podemos compreender adequadamente a primeira (a realidade social de produção material e interação social) sem a segunda: é a dança metafísica autopropulsiva do capital que dirige o espetáculo, que fornece a chave dos desenvolvimentos e das catástrofes que têm lugar na vida real. É aí que reside a violência sistêmica fundamental do capitalismo, muito mais estranhamente inquietante do que qualquer forma pré-capitalista direta de violência social e ideológica: essa violência não pode ser atribuída a indivíduos concretos e às suas “más”

intenções, mas é puramente “objetiva”, sistêmica, anônima. Encontramos aqui a diferença lacaniana entre a realidade e o Real: a “realidade” é a realidade social dos indivíduos efetivos implicados em interações e nos processos produtivos, enquanto o Real é a inexorável e “abstrata” lógica espectral do capital que determina o que se passa na realidade social (ŽIŽEK, 2014, p. 26, grifo nosso).

Diante dessa argumentação, de que a violência sistêmica “consiste nas consequências muitas vezes catastróficas do funcionamento regular de nossos sistemas econômico e político” (ŽIŽEK, 2014, p. 17), inferimos, pois, que a precarização do trabalho consiste como violência objetiva do capital, no sentido em que a lógica da valorização financeira no cerne da esfera produtiva resultou em um sem-número de mudanças aí ocorridas, seja na relação de trabalho (crescimento do trabalho precarizado e informal, do número de trabalhadores temporários, autônomos e em tempo parcial etc.), seja na forma de gestão do processo de trabalho (trabalhadores flexíveis, toyotismo).

Seguindo a linha de argumentação do filósofo esloveno, há ainda a “violência que pertence à linguagem enquanto tal, à imposição de um certo universo de sentido” (ŽIŽEK, 2014, p. 17); está é a violência simbólica que está “encarnada na linguagem e suas formas” (ŽIŽEK, 2014, p. 17).

Delineada a base analítica e apresentada a questão da reestruturação produtiva do capital financeiro, cabe agora nos debruçarmos mais detidamente sobre o romance *Passageiro do fim do dia* e demonstrar como duas formas de violência não-subjetiva — a sistêmica e a simbólica — estão imbricadas na precarização do trabalho na qual os personagens estão submetidos.

“Queria uma profissão mais qualificada, poder ganhar mais, melhorar de vida, ser outra pessoa, ser alguém, alguém”

No romance *Passageiro do fim do dia*, a conduta discricionária do narrador está modulada pela instância de enunciação em terceira pessoa e o trabalho é, a nosso ver, a temática fundamental que amálgama a existência e o conteúdo mental de seus personagens. Embora Pedro seja o protagonista, o foco narrativo incide sobre outros personagens relacionados à sua namorada Rosane, cujas biografias são fraturadas pela exploração e precarização do trabalho.

“Em troca de um salário que era pouco mais do que nada”

383

Rafael Lucas
Santos da
Silva

Marisa
Corrêa Silva

384

Pedro é um jovem “distraído” de “quase trinta anos” (FIGUEIREDO, 2010, p. 7), pertencente à classe média, por ser filho de um funcionário público do poder judiciário, que consegue chegar, através de um encadeamento de circunstâncias não planejadas, a sócio de uma pequena livraria. Por isso, a mãe de Pedro “não via Rosane com bons olhos e dava a entender que considerava o filho digno de companhia melhor” (FIGUEIREDO, 2010, p. 99), dado que a namorada seja de um estrato social inferior. Mesmo assim, sendo “a mulher mais pobre com quem havia saído” (FIGUEIREDO, 2010, p. 47), fazia mais de seis meses que Pedro a namorava, tendo como hábito passar todos os finais de semana na casa dela, no bairro periférico denominado Tirol. Conforme a descrição do narrador, o bairro possui “ruas poeirentas” com “antigas tubulações de esgoto e as fossas de vinte anos antes [que] já não davam vazão”, de maneira tal que “os dejetos às vezes corriam em canaletas descobertas ou onde encontrassem passagem” (FIGUEIREDO, 2010, p. 36-37).

A ida ao Tirol consiste em um percurso de quase quarenta quilômetros, realizado em ônibus “toda sexta-feira, à mesma hora” (FIGUEIREDO, 2010, p. 9). Assim, o primeiro plano do discurso narrativo está centrado nesse percurso de ônibus que Pedro faz entre o Centro da cidade e o bairro periférico. Por ser um longo trajeto, as representações da narrativa se concretizam pela visão de Pedro no interior do ônibus e através de suas memórias de um acidente traumático, no qual ele teve o tornozelo pisoteado por um cavalo da tropa policial montada, pelas antinomias sociais de seu relacionamento amoroso e por meio de dois objetos que leva para se distrair: um livro e um rádio.

É importante destacar que o aspecto da lógica da valorização financeira do capitalismo contemporâneo não foi levado em consideração nos artigos interpretativos que objetivaram realçar a representação do trabalho e da desigualdade social neste romance (ANDRADE e ARNT, 2016; RODRIGUES-MOURA, 2018; BALBI, 2018). Acreditamos que, por essa razão, nestes artigos não foi dada a devida atenção ao rádio de pilha de Pedro.

Como foi dito, no percurso de ônibus Pedro possui dois objetos-chave: um rádio de pilha e um livro sobre a vida intelectual do naturalista britânico Charles Darwin (1809-1882). Sobre esse livro, Paulo Tonani do Patrocínio (2013) desenvolveu importante reflexão em que expõe como ocorre a “interlocação com Darwin, moldada pela leitura que Pedro faz do livro” (PATROCÍNIO, 2013, p. 274), pondo em xeque a

capacidade de apreensão da realidade mobilizada pela estética naturalista. No entanto, o “rádio minúsculo” (FIGUEIREDO, 2010, p. 7), mencionado no segundo parágrafo, não teve uma abordagem do significado de sua presença no trecho da narrativa, apesar de ser, assim como o livro, fruto de trabalho, já que “fisiologicamente, cabeça e mão são partes de um sistema; do mesmo modo, o processo de trabalho do cérebro e o das mãos” (MARX, 1996, p. 577). Mais precisamente, o rádio é um meio de comunicação cuja mercadoria está relacionada à indústria cultural, a partir da qual ocorrem modulações da subjetividade em favor da reprodução capitalista.

No contexto de nossa abordagem, a importância do rádio está, pois, nos encadeamentos de cenas, que apresentam as antinomias do trabalho precário e informal e do otimismo com o mercado financeiro exterior:

“Em troca de um salário que era pouco mais do que nada”

385

Depois de estacionar e desligar o motor, o motorista desceu a passos pesados pela porta da frente e, com a camisa desabotoada até o umbigo, foi conversar com o fiscal do ponto. Abanava muito as mãos, de vez em quando empurrava com força a massa de cabelo crespo para trás. A pele da testa, escurecida e ressecada pelo sol, se esticava sobre a frente larga do crânio. Como se não conseguisse conter uma irritação, chegou a dar dois tapas na guarita de fibra de vidro onde o fiscal se abrigava e de onde ele saiu com as mãos nos ouvidos e a cabeça abaixada.

Pedro, com os fones nos ouvidos, não ouviu o som dos tapas, mas pela força do gesto estava claro que deviam ter feito um bocado de barulho. [...]

Na calçada, junto à fila, um homem com um olho coberto por um curativo vendia sacos de amendoim, pacotes de biscoito e aparelhos de barbear feitos de plástico. Os produtos, amarrados em fileiras e em cachos, ficavam todos presos a um gancho de ferro cromado, do tipo usado para pendurar peças de carne em frigoríficos. O vendedor, de testa suada, mantinha-o erguido quase acima da cabeça com a mão esquerda, pois ali, no meio da calçada, não havia onde prender o gancho. Enquanto trocava palavras afobadas com um ou outro passageiro da fila interessado em comprar biscoito, o ambulante arregalava de tal jeito o olho que Pedro, por algum motivo, achou que o assunto de que

Rafael Lucas
Santos da
Silva

estavam falando não podia ser apenas o biscoito. Não podia ser só a conta do troco. Nisso, dentro do seu ouvido uma voz de mulher anunciou no rádio a cotação do dólar, do euro, do ouro e do barril de petróleo. Mencionou a taxa de juros do Banco Central e os índices da bolsa de valores de Nova York, de Tóquio e de São Paulo, em minúcias que chegavam aos centésimos. A mulher pareceu alegre — cada fração era preciosa e tilintava em seus dentes (FIGUEIREDO, 2010, p. 15-16).

Marisa
Corrêa Silva

386

Embora longa, essa passagem vale a reprodução integral, pois compreendemos que o otimismo presente no noticiário deriva da ilusão da conquista de um lugar ao sol no comércio globalizado, uma vez que “abraçado o projeto neoliberal, vendeu-se a ideia de que o Brasil pegaria o bonde da história pela via do comércio exterior” (PAULANI, 2008, p. 131). Assim, várias páginas adiante, temos novamente a presença do noticiário na narrativa, expondo que haveria

[...] uma futura reunião do Banco Central americano. As decisões sobre os juros eram previstas, em números inteiros e decimais, e as possíveis consequências das variações dos decimais pesavam muito nas palavras das duas mulheres. Depois voltaram a falar dos barris de petróleo, da bolsa de valores local, festejaram alguma notícia relativa a um saldo e a um déficit, já agora expressos em bilhões redondos. Esmiuçaram até a casa dos centésimos a cotação de remuneração de certos títulos com base nos preços internacionais do aço e da soja, resgatáveis em dois e em quatro anos, se é que Pedro tinha entendido direito. (*Mas por que quatro anos?*, pensou.) E a mulher entrevistada, que bafejava uns ares de especialista e pisava as sílabas com autoridade, aproveitou para zombar de quem tinha feito previsões erradas, catastróficas. Enfatizou com mais números e percentuais o alcance daqueles enganos e o benefício dos acertos (FIGUEIREDO, 2010, p. 145-146).

Quais “bilhões” eram festejados? Então, não sobreviria uma “catástrofe”? Para quem? Essa rentabilidade do Tesouro se relaciona a qual classe social? Em relação à classe trabalhadora, não há dúvidas de que foi um desastre social, já que o capital financeiro produziu uma massa de trabalhadores supérfluos. Esse aspecto se encontra na primeira pas-

sagem supracitada, com a experiência informal do ambulante. Ao longo da narrativa surgem outras menções à instabilidade e informalidade de ambulantes, como por exemplo um homem que “vendia peixes na calçada” (FIGUEIREDO, 2010, p. 166) e uma mulher que “fazia churrasquinhos” (FIGUEIREDO, 2010, p. 167) utilizando o aro de ferro de uma roda de ônibus. Como veremos a seguir, a informalidade e os modos de ser da precarização não são restritos ao trabalho ambulante, fazem parte da própria engenharia do capital financeiro que configura as atuais morfologias do trabalho. Antes, é também importante notar que, na sequência dessa cena, o noticiário desencadeia em Pedro uma economia libidinal característica do fetichismo da mercadoria, no sentido em que esta é um “gozo de imagens, gozo de uma imaginação que procura reduzir os objetos a imagens fantasmáticas de satisfação” (SAFATLE, 2010, p. 44). É nesse sentido que Pedro pensa nas locutoras da rádio, em como seriam maravilhosas as suas férias, o carro, o restaurante e todas as outras mercadorias que consumissem. Esse tipo de fetiche da mercadoria está constantemente bombardeando os personagens do romance, a partir de campanhas publicitárias da mídia televisiva. A própria instância narradora enfatiza que muitos diálogos recordados por Pedro ocorriam “diante da televisão” (FIGUEIREDO, 2010, p. 101), dos quais podemos pinçar os seguintes vestígios: “O pai de Rosane, diante da televisão ligada, contou para Pedro...” (FIGUEIREDO, 2010, p. 117), “O pai de Rosane contava para Pedro, falava um bocado e parava, quando alguma coisa na televisão prendia seu interesse” (FIGUEIREDO, 2010, p.119), “contou Rosane para Pedro, diante da televisão” (FIGUEIREDO, 2010, p. 159), “contou Rosane para Pedro, numa noite, na frente da televisão” (FIGUEIREDO, 2010, p.152). Vê-se, assim, que Pedro e Rosane são bombardeados por campanhas publicitárias que exercem impactos significativos em suas subjetividades:

Na tevê à frente deles, o anúncio de um banco mostrou um casal risonho, de roupas bem passadas, com cartões de plástico coloridos na ponta dos dedos: os dois cartões se tocavam e, com uma fâsca prateada que saltava, parecia que os cartões se beijavam no ar. De repente, uma mangueira esguichava em leque por cima de um gramado. Um carro encostava diante da casa recém-pintada. A lataria espelhava o azul do céu. Uma porta do carro abria, uma criança saltava para fora e corria sobre a gra-

“Em troca de um salário que era pouco mais do que nada”

387

Rafael Lucas
Santos da
Silva

ma. A tela inteira era tomada pela cabeça e pelo tronco de uma jovem no impulso de sair de uma piscina, enquanto a pele bronzeada gotejava. Os quinze segundos do anúncio se arrastavam, não queriam passar. Tentavam congelar-se, ficar em suspenso, encher a sala e a casa, enquanto Pedro e Rosane, sem perceber, aguardavam mudos, atentos à promessa de um sinal, de uma autorização, para que também eles se integrassem àquela visão (FIGUEIREDO, 2010, 54-55).

Marisa
Corrêa Silva

388

Pedro e Rosane ficam mudos e esperançosos diante da promessa de felicidade feita pelas campanhas publicitárias. Do ponto de vista do capital financeiro, essa cena torna-se muito importante, visto que Alves (2013) considera que, na fase atual do capitalismo, ampliou-se e intensificou-se “a produção de fetichismos sociais, agudizando a alienação e o estranhamento de homens e mulheres que trabalham” (ALVES, 2013, p. 39). Conforme é exposto por Alves (2013), na “era do capital financeiro” ocorre uma “corrosão da capacidade subjetiva”, “na medida em que quem não se afirma como ser-para-si-mesmo torna-se ser-para-outrem, o Outro estranho e abstrato e fetichizado (o capital)” (ALVES, 2013 p. 116-117).

Temos, assim, uma dimensão de violência sistêmico-simbólica atingindo o âmago da subjetividade, como é o caso da personagem Rosane, afligida por questionamentos de semelhanças de classe e de mobilidade social:

Uma doida, um bicho, disse Rosane para Pedro em voz baixa — com vergonha, com susto de estar dizendo aquilo: um bicho. Mas foi o que alguém no escritório falou, na hora, e foi o que Rosane pensou e, com medo, atenta, para testar, repetiu a palavra na cabeça. Como sua amiga tinha ficado assim? E como Rosane pôde pensar aquilo? Ela acusava com amargura a amiga de infância, acusava as pessoas que eram como ela — não eram raras, não eram exceção —, sem procurar desculpas nem atenuantes. Ou melhor, queria a todo custo evitar as desculpas, tinha medo de que as desculpas aparecessem, reclamassem todo o seu peso, se revelassem muito mais fortes do que ela e, muito mais do que desculpas, fossem razões completas. Mas na certa o que mais a incomodava no fundo daquele tumulto e daquela raiva, capazes de causar uma preocupação tão funda que dava até um pouqui-

nho de náusea em Rosane, era saber que ela mesma poderia muito bem ser aquela moça — igualzinha, em cada gesto. E que se não era agora, se não era ainda, poderia vir a ser um dia — e de um dia para o outro. Por que não? As duas cresceram ao mesmo tempo, [...] Elas dormiram debaixo das mesmas noites, debaixo da mesma poeira e abafamento, depois de pressentir as mesmas ameaças, depois de esbarrar nas mesmas humilhações — as mesmas que iriam se pôr no seu caminho no dia seguinte, na semana seguinte. E, por trás disso tudo, o que mais ameaçava Rosane era uma dúvida: será que, no fundo, o jeito de Rosane, sua opção, era de fato melhor? Rosane queria estudar, queria aprender, queria ter educação, queria uma profissão mais qualificada, poder ganhar mais, poder comprar mais coisas, queria ser respeitada por eles, os outros, aquela gente toda — queria poder morar em outro lugar, melhorar de vida, ser outra pessoa, ser alguém, alguém — isso era o certo, era o que todos diziam, era sabido e apregoado em toda parte — ali estava o que era bom fazer, o que era bom ter sempre na cabeça e não desistir nunca.

Dali, daquele ângulo bem definido e cada vez mais estreito, é que se devia olhar para o mundo em redor. Era dali que se devia lançar o olhar para a frente, para o futuro. Mas a cada dia as dificuldades se mostravam tão flagrantes, os obstáculos eram tão descarados em seu poder e se levantavam tão desproporcionais às forças de Rosane que ela às vezes parava com um susto, uma surpresa, e de repente topava com um imenso vazio à sua volta. Que chances tinha ela, afinal? Por que havia de conseguir o que pessoas iguais a ela não conseguiam de jeito nenhum? O que poderia haver em Rosane de tão especial? Não seria simples estupidez pensar que a deixariam passar, que algum dia abririam caminho para ela? (FIGUEIREDO, 2010, p. 62-64).

Observemos a cuidadosa construção da linha de pensamentos da personagem: da crítica envergonhada à amiga, cuja descrição obedece uma gradação de desumanização (“uma doida / um bicho”), surge uma mescla de identificação para com a moça criticada (“igualzinha, em cada gesto”), via lembrança dos espaços e experiências em comum de ambas. Segue-se a luta entre os argumentos meritocráticos (“Rosane queria estudar, [...] queria uma profissão mais qualificada”) sustentá-

“Em troca de um salário que era pouco mais do que nada”

389

Rafael Lucas
Santos da
Silva

Marisa
Corrêa Silva

390

culos da verdade aprendida pela personagem (“era o que todos diziam, era sabido e apregoado em toda parte”) e a agonizante compreensão de que essa “verdade” é parcial (“daquele ângulo bem definido e cada vez mais estreito”) e, portanto, duvidosa. Esse embate desemboca na triste constatação de que o argumento da meritocracia escamoteia as reais dificuldades de ascensão social, mesmo da mais esforçada das pessoas, jogando sobre a vítima a culpa por seu estado de precariedade econômica e laboral, numa perspectiva assustadora: “Que chances tinha ela, afinal?” — que possui nítidas correlações com um dos paradigmas da ideologia neoliberal segundo a qual a explicação corrente para o desemprego é atribuí-lo ao trabalhador, pois é ele que deveria se responsabilizar por sua qualificação e “empregabilidade”.

A desumanização do outro, seguida da constatação de que esse “outro” é, na verdade, muito parecido com ela, e o vislumbre do funcionamento de um discurso ideológico muito popular (a vitória vem pelo esforço, pelo merecimento etc.) como ocultação de que as cartas do jogo, com raríssimas exceções que confirmam a regra, são marcadas, não compõem um quadro filosófico para ser debatido pelas personagens: é uma sequência incômoda e, para Rosane, agônica: é impossível ler as frases “O que poderia haver em Rosane de tão especial? Não seria simples estupidez pensar que a deixariam passar, que algum dia abririam caminho para ela?” sem perceber que a personagem está em sofrimento por conta desses pensamentos – sofrimento psicológico, mas também a perspectiva de sofrimento físico, consequência natural de uma vida sem muita assistência, repouso adequado e da perspectiva de envelhecimento.

Aqui, na esteira de Žižek (2011), acreditamos estar diante de uma manifestação brutal da violência sistêmico-simbólica, uma vez que,

[...] embora as crises realmente sacudam o povo para fora de sua complacência, forçando-o a questionar os aspectos fundamentais da vida, a primeira reação, a mais espontânea, é o pânico, o que leva ao “retorno ao básico”: as premissas básicas da ideologia longe de ser questionadas, são reafirmadas com ainda mais violência (ŽIŽEK, 2011, p. 28).

Assim, essa reafirmação das premissas básicas da ideologia parece-nos promover em Rosane “um processo de desterritorialização subjetiva” cuja consequência é não possuir um território de existência

autêntica, de modo a projetar-se “noutro território — o território da existência inautêntica das implicações subjetivas fetichizadas e estranhadas do capital” (ALVES, 2013, p. 117).

Ainda em conformidade com a argumentação de Alves (2013), essa condição que surge da alienação do trabalho e do fetiche da mercadoria é vivenciada de forma mais intensa nos estratos precarizados da força de trabalho. Contudo, Pedro não pertence a esse estrato social em que ocorre mais intensamente a precarização da força de trabalho. É por isso que Rosane é fundamental para a constituição e o desenvolvimento do discurso ficcional do romance. Pedro, um jovem sócio de uma livraria, está em conflito com a situação em que vive, às voltas com o desejo de ascender economicamente e posto diante dos dilemas de antagonismos sociais devido ao seu namoro com Rosane. Verifica-se, com efeito, que é essa relação amorosa entre ambos que possibilita a Pedro aguçar seu olhar aos antagonismos sociais. Dessa maneira, Rosane instaura todo o subtexto socialmente concreto da racionalização da contemporânea precarização do trabalho.

O arranjo formal da narrativa é composto sem divisão de capítulos, tendo uma integração fluida de relato objetivo e distanciado, descrições construídas pela perspectiva subjetiva de Pedro, com marcas de discurso indireto e indireto livre moduladas pela instância de enunciação em terceira pessoa. Embora Pedro seja o protagonista, a textualização do discurso paulatinamente realiza um distanciamento entre as instâncias do enunciado (Pedro) e da enunciação (narrador), possibilitando que marcas da objetividade surjam subordinadas à subjetividade da personagem Rosane cujo resultado é a organização e distinção de personagens como sujeitos e objetos de dominação de classe.

Dessa maneira, como Rosane vivenciou a precarização do trabalho? Compreende-se que Rosane vive da venda de sua força de trabalho “desde os quinze anos, mais ou menos”, por necessidade de pagar “algumas despesas domésticas” (FIGUEIREDO, 2010, p. 99).

São expostos, no discurso narrativo, dois empregos de Rosane: o primeiro, em “uma fábrica de copinhos de mate” (FIGUEIREDO, 2010, p. 152), na qual

[...] de salário, com os descontos normais, ela quase que só ganhava o bastante para pegar o ônibus e comer. Não tinha horário fixo, era obrigada a fazer horas-extras a qualquer momento e sem a remuneração devida por isso, havia mudanças de turno a toda hora

“Em troca de um salário que era pouco mais do que nada”

391

Rafael Lucas
Santos da
Silva

e sem aviso, e por isso ela teve de largar o colégio: seus dias, mal nasciam, eram tomados um a um, em troca de quase nada. Além do mais, um cheiro constante de xarope ou de óleo engrossava o ar dentro do galpão, se acumulava aos poucos no fundo do estômago num enjojo constante. Isso para não falar no barulho: ela chegava em casa com a cabeça num tal estado que tinha de ficar de olhos fechados durante quase meia hora, de cara metida no travesseiro. Nem ver televisão ela aguentava (FIGUEIREDO, 2010, p. 158).

Marisa
Corrêa Silva

392

Essa cena condensa muito da representação da morfologia do trabalho. A obrigação de sempre “fazer horas-extras” nos parece ser indício de que Rosane permanecia em seu local de trabalho por mais de oito horas diárias, o que configurava, na “fábrica de copinhos de mate”, um processo de superexploração da força de trabalho, caracterizado por baixos salários, ritmos de produção intensificados e jornadas de trabalho prolongadas. Por isso se viu também “obrigada” a “largar o colégio” para ajudar no sustento de sua família. Outro detalhe importante é que as horas-extras eram feitas “sem a remuneração devida”, o que indica o traço de informalidade de seu trabalho, no sentido de que o contrato de trabalho não obedece à legislação social protetora do trabalho; assim, é fácil cogitarmos que muito provavelmente essa experiência de Rosane ocorreu sem registro em carteira.

Tudo isto é acompanhado de impactos significativos no que tange à saúde-adoecimento. O “enjojo constante” e a dores de cabeça de Rosane indicam um ambiente de trabalho insalubre. Levar esses efeitos para casa, junto ao desgaste das longas jornadas de trabalho, fazem Rosane ter a forte sensação de que o tempo foi comprimido (“seus dias, mal nasciam, eram tomados um a um, em troca de quase nada”). No que diz respeito aos adoecimentos com nexos laborais, o discurso ficcional retrata, a partir de Rosane, o quanto a “fábrica de copinhos de mate” provoca lesões osteomusculares. Ela lesionou o pulso devido ao movimento repetitivo na fábrica, o que provocou uma dor aguda que impossibilitava até de tocar o pulso com o dedo. A intensa dor fê-la ir ao departamento médico da fábrica:

A médica da fábrica, afobada para ir embora — e isso pouco depois de ter chegado —, a médica deu a ela um dia de dispensa. No dia seguinte, diante da esteira de metal em movimento, Rosane

mal tentou segurar um copinho de plástico e logo ele caiu da sua mão. Soltou um grito curto, chorou sem barulho, o pulso encolhido no meio do peito, os ombros curvados para a frente. Preso dentro da boca, um outro gemido subiu e demorou a terminar (FIGUEIREDO, 2010, p. 155).

O baixo salário, a ausência de prevenção, proteção ou tratamento adequado à lesão recebidos por Rosane correspondem à atual desconstrução dos direitos trabalhistas, que fez surgir “o que podemos considerar um *salariato precário*, decorrente da precarização intensa das condições de contratação salarial do proletariado” (ALVES, 2007, 91). Novamente, bem compreendidas, essas cenas evidenciam a violência sistêmico-simbólica do capital financeiro, que atinge a classe trabalhadora, precarizando-a, conforme a segunda experiência de trabalho de Rosane em um escritório de advocacia:

Era copeira, fazia faxina, mas também atendia telefones, ficava na recepção e, quando pediam, fazia até alguns serviços no computador, pois tinha frequentado um curso gratuito e sabia mexer nos principais programas.

[...]

Pagavam o salário mais baixo possível, descontado de todas as formas possíveis, como sempre acontecia. E às vezes pediam para trabalhar fora do horário, sem nunca pagar hora-extra, como também sempre acontecia. Mesmo assim, ali, como em toda parte, achavam que já estavam pagando muito, que a despesa era excessiva, que os impostos eram altos, que as pessoas não sabiam economizar, que uma empresa moderna tinha de ter poucos empregados ganhando o mínimo possível. Mas, no fim das contas, davam vale-transporte, tíquete-refeição, carteira assinada, férias, décimo terceiro salário — e pagavam em dia. (FIGUEIREDO, 2010, p. 45; 60).

Rosane considera um avanço ter conseguido esse emprego no escritório de advocacia, embora na realidade ainda vivencie a mesma insegurança e vulnerabilidade do emprego anterior. Isto é, mesmo que agora Rosane tenha a “carteira assinada” e os pagamentos em dia, o escritório representa a noção de empresa enxuta (*lean production*) cujas

“Em troca de um salário que era pouco mais do que nada”

393

adaptações organizacionais fazem Rosane se desdobrar para executar sozinha o que antes era feito por três ou mais trabalhadores (“Era copeira, fazia faxina, mas também atendia telefones, ficava na recepção e, quando pediam, fazia até alguns serviços no computador”).

Inclusive, Pedro percebe que, nesse escritório, os patrões seriam capazes de “retirar até a última gota de energia de Rosane e deixá-la exaurida”, devido a exploração sem limites de sua força de trabalho:

Rafael Lucas
Santos da
Silva

Marisa
Corrêa Silva

394

Ele via muito bem que o trabalho de Rosane, no escritório de advogados [...] a deixava esgotada ao fim do dia. Pedro via que os planos de Rosane quase não levavam isso em conta. Dela, pediam tudo: que servisse café, água, lavasse a cozinha e o banheiro e passasse aspirador, esvaziasse lixeiras, que fosse ao fórum ou ao escritório ou à casa dos clientes levar e trazer papéis, pediam que copiasse ou corrigisse documentos no computador, que atendesse clientes no telefone e na recepção, que abrisse mão do horário de almoço para pesquisar às pressas em arquivos antigos do advogado mais velho — e às vezes tudo no mesmo dia. Rosane ficava o dia inteiro para lá e para cá, dentro e fora do escritório, em troca de um salário que era pouco mais do que nada, quase que só o suficiente para pagar a comida, o transporte e alguma roupa. Mesmo assim — Pedro percebia —, os patrões ainda se lamentavam, achavam que era muito, que tinham muita despesa com os empregados, deixavam claro que cumpriam um papel social oneroso ao dar emprego às pessoas, ao pagar salários e reconhecer alguns direitos (FIGUEIREDO, 2010, p. 182-183).

Esse escritório de advocacia está fortemente adequado ao discurso neoliberal, submetendo o trabalho às condições de precarização, resultantes do processo de reestruturação produtiva, que ainda visa a precarização dos direitos sociais do trabalho. Conforme explica Alves (2007, p. 112), “uma das determinações estruturais do modo de produção e reprodução capitalista é a constituição sistêmica, a partir de processos de precarização do trabalho vivo, de formas históricas de precariedade social”, de tal forma que é possível conceber a manifestação da violência sistêmico-simbólica durante todo o discurso narrativo de *Passageiro do fim do dia*.

Notemos como a referência aos patrões é impessoalizada: “Pagavam”, “pediam”. Ninguém tem nome ou cargo: basta saber que tais eram as obrigações, ainda que não previstas no contrato, assumidas pela trabalhadora a fim de ter uma chance, ainda que mínima, de manter seu emprego. Esse uso da linguagem indicia que o foco da narrativa não é em indivíduos vilanescos exercendo o poder de forma injusta e sádica: mudando os patrões, persistiria o sistema de trabalho. Todos sofrem com as relações de exploração e dominação, que resultam de uma violência sistêmico-simbólica, isto é, decorre do próprio funcionamento político, econômico e ideológico que configura uma violência “invisível, uma vez que ela sustenta a normalidade do nível zero contra a qual percebemos algo subjetivamente violento” (ŽIŽEK, 2014, p. 18). É, enfim, a violência sem face, perpetrada pelo sistema, perante a qual os indivíduos funcionam como peões no tabuleiro, sua volição reduzida e controlada por diversos mecanismos sociais – sendo a necessidade de sobreviver apenas um, o mais premente, dentre eles.

“Em troca de um salário que era pouco mais do que nada”

395

Considerações finais

Publicado em 2010, a fortuna crítica de *Passageiro do fim do dia* ainda é exígua, porém pode render frutíferos debates acerca de sua temática social e de seus arranjos formais. Embora o fenômeno literário diferencie-se da ciência, ainda assim sua especificidade permite um conhecimento profundo da realidade social; conforme argumenta o filósofo húngaro Georg Lukács (1968), a obra literária “pode fornecer, mesmo ao mais profundo conhecedor das relações sociais, experiências vividas e noções inteiramente novas, inesperadas e importantíssimas (LUKÁCS, 1968, p. 84). No realismo crítico que caracteriza o romance, Rubens Figueiredo procura elevar a autoconsciência dos leitores em relação ao atual momento histórico-social nacional. O romance se estrutura em uma proliferação de cenas intercaladas e polifônicas, que buscam representar dramaticamente as condições produtivas a cujo ditame está sujeita a classe trabalhadora, exibindo fatores que se enraízam além da situação e da ação individuais, os quais as determinam.

Com base em uma perspectiva de crítica dialética, a análise aqui desenvolvida levou-nos a identificar um conjunto de contradições que dão vida à temática social formalizada pelo romance. Dentre os seus aspectos formais mais destacados e suas vozes polifônicas, privilegiamos um recorte em relação à trajetória biográfica da personagem Rosa-

Rafael Lucas
Santos da
Silva

Marisa
Corrêa Silva

396

ne, a qual examinamos em estreita correlação dialética com o processo histórico-social concernente ao aumento da precarização das condições de trabalho e existenciais das classes subalternas, que foi produzido a partir dos anos 1990 e 2000.

Rosane é namorada de Pedro, um jovem sócio de uma livraria. Verificou-se, com efeito, que é essa relação amorosa entre ambos que possibilita a Pedro aguçar seu olhar aos antagonismos sociais. Dessa maneira, Rosane instaura todo o subtexto socialmente concreto da racionalização da contemporânea precarização do trabalho da qual *Passageiro do fim do dia é, em diferentes níveis formais, uma representação privilegiada.*

A partir da personagem Rosane é possível notar as situações de exploração e opressão que perpassam sua trajetória, tanto durante a infância quanto na fase adulta. Explorando os postulados teóricos do filósofo Žižek (2014), procuramos demonstrar que essa trajetória está moldada pela violência sistêmico-simbólica. Com base em suas reflexões sobre violência, conseguimos revelar mazelas na biografia de Rosane que facilmente são consideradas como práticas sociais rotineiras e naturalizadas.

Conforme argumentou Ginzburg (2012), a presença da violência na produção ficcional brasileira desafia os estudos críticos: porque a violência sempre esteve presente no processo constitutivo da nação brasileira, se manifestando em diferentes processos histórico-sociais.

Por isso consideramos necessário ter clareza em como se considerar as manifestações de violência, de modo que as reflexões do filósofo esloveno se tornaram cruciais para elaboração desse artigo. Žižek (2014) estabeleceu que a violência sistêmica é uma consequência do sistema político e econômico, está nas estruturas sociais; e, por outro lado, violência simbólica é aquela que acontece através da linguagem, das imposições discursivas e ideológicas.

O debate sobre violência não pode estar relacionado apenas à criminalidade e à crise do sistema de segurança pública. Ela também está presente no caráter social do trabalho — é o ar que determinada fração da classe subalterna respira no dia a dia de sua atividade laboral. Rosane é vítima de violência a partir da lógica destrutiva do capital financeiro que intensifica a informalização e a precarização do trabalho. É vítima sistemicamente, em processo de superexploração da força de trabalho, baixos salários, ritmos de produção intensificados, jornadas de trabalho prolongadas e impactos em sua saúde, e vítima simbolicamente, com a ideologia neoliberal da meritocracia que escamoteia as reais dificuldades de ascensão social.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, T. F.; ARNT, G. A. G.. Narrativa e trabalho em “Passageiro do fim do dia”, de Rubens Figueiredo. **Revista Jangada**, Viçosa, n. 8, p. 112-137, jul./dez. 2018.

ALVES, G. **Dimensões da reestruturação produtiva**: ensaios de sociologia do trabalho. 2. ed. Bauru: Canal 6, 2007.

_____. **Dimensões da precarização do trabalho**: ensaios de sociologia do trabalho. Bauru: Canal 6, 2013.

BALBI, D. C. A violência insuspeita da sociedade de classes no trâmite da enunciação em Passageiro do fim do dia. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 55, p. 177-202, set./dez. 2018.

CANDIDO, A. Literatura de dois gumes. In: _____. **A educação pela noite**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006, 199-221.

FIGUEIREDO, R. **Passageiro do fim do dia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. Sobre Passageiro do fim do dia: entrevista com Rubens Figueiredo. **Terceira Margem**, Rio de Janeiro, vol. 15, n. 24, p. 191-207, jan./jul. 2011.

GINZBURG, J. **Crítica em Tempos de Violência**. São Paulo: EDUSP, 2012.

LUKÁCS, G. Marx e o problema da decadência ideológica. In: _____. **Marxismo e teoria da literatura**. Traduzido por Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968, p. 49-111.

MARX, K. *O capital*: Crítica da economia política. Coleção: **Os economistas**. Vol. 2. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

PAULANI, L. Investimento e servidão financeira: o Brasil do último quarto de século. In: _____. **Brasil Delivery**: servidão financeira e estado de emergência econômico. São Paulo: Boitempo, 2008, p.73-104.

“Em troca de um salário que era pouco mais do que nada”

397

PATROCÍNIO, P. R. T. Passageiro do fim do dia, de Rubens Figueiredo: um olhar sobre o naturalismo. In: CHIARELLI, G. D.; VIDAL, P. (Orgs.). **O futuro pelo retrovisor: inquietudes da literatura brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Rocco, 2013, p. 261-278.

Rafael Lucas
Santos da
Silva

RABELLO, I. D. Barco a seco, de Rubens Figueiredo: certezas e enganos da imagem identitária. **Terceira Margem**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 16, p. 128-141, jan./jul. 2007.

Marisa
Corrêa Silva

RESENDE, B. Possibilidades da escrita literária no Brasil. In: FINAZZI-AGRÓ, E.; RESENDE, B. (Orgs.). **Possibilidades da nova escrita literária no Brasil**. Rio de Janeiro: Revan, 2014, p. 9-23.

398

RODRIGUES-MOURA, E. “Se fingiu de morto, se fez de invisível”: Trabalho e mobilidade social em textos de Rubens Figueiredo. **O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira**, Minas Gerais, v. 27, n. 2, p. 77-104, set. 2018.

SAFATLE, V. **Fetichismo**. Colonizar o Outro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

ŽIŽEK, S. **Violência: seis reflexões laterais**. Traduzido por Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014.

_____. É a ideologia, estúpido. In: _____. **Primeiro como tragédia, depois como farsa**. Traduzido por Maria Beatriz de Medina São Paulo: Boitempo, 2011, p. 21-78.